

Barómetro das Crises

3-10-2013 | Nº 6

Batemos no fundo? Estamos a vir à tona?

Os dados estatísticos do INE para os dois primeiros trimestres deste ano revelam um abrandamento da recessão no primeiro e segundos trimestres de 2013, mas não uma inflexão da situação económica portuguesa ou o fim da recessão. Este abrandamento decorre do contributo, não do investimento, mas de algumas exportações e, mais moderadamente, do consumo das famílias:

- **Investimento:** O seu contributo para o crescimento do PIB está sobreavaliado nas contas do 3º trimestre. Os seus valores estão ligados a um aumento de *stocks* (Variação de Existências) de bens importados e à aquisição aeronaves. O seu contributo para a variação positiva do investimento é anulado por uma subida de importações;
- **Exportações e importações:** O contributo do setor externo no segundo trimestre foi sobreavaliado pelo efeito de calendário (Páscoa em 2012 e 2013). Sem esse efeito, o seu contributo seria menos positivo no segundo trimestre face ao primeiro trimestre;
- **Consumo:** a sua melhoria parece ligada aos efeitos positivos do veto do Tribunal Constitucional aos cortes nos vencimentos e pensões do setor público;
- **Emprego:** a subida do emprego verificou-se sobretudo na agricultura e entre trabalhadores sazonais, trabalhadores por conta própria ou familiares não remunerados no norte e centro.

O que é previsível esperar para o segundo semestre de 2013? Será que afinal se cumprirá a promessa de um crescimento sólido em 2014? Os indicadores indiretos do INE para julho e agosto são mistos, o que torna plausível uma continuação do abrandamento da recessão pelo menos no terceiro trimestre do ano. Mas para 2014, que efeito terá um agravamento dos cortes orçamentais e no rendimento dos portugueses, tanto no consumo como no investimento?

O Instituto Nacional de Estatística (INE) divulgou recentemente informação estatística respeitante ao 2º trimestre de 2013 segundo a qual, relativamente ao trimestre anterior, o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 1,1%ⁱ, e a taxa de desemprego regrediu de 17,7% para 16,6%ⁱⁱ.

PIB real

O PIB nominal é o Produto Interno Bruto valorizado aos preços do momento a que os dados se referem. O PIB real é o PIB nominal descontado do efeito da variação dos preços.

Variação de existências

Diferença entre o valor existente de bens adquiridos ou produzidos pela unidade estatística de produção no fim e no início do período de referência (definição INE).

Empregado

Indivíduo com 15 ou mais anos que tinha efetuado um trabalho de pelo menos uma hora, mediante o pagamento de uma remuneração, ou tinha um emprego ou uma empresa mas não estava ao serviço.

Desempregado

Indivíduo entre 15 e 74 anos que não tinha trabalho, estava disponível para trabalhar e tinha feito diligências para encontrar um emprego.

ⁱ INE, *Destaque - Contas Nacionais* – 2º trimestre de 2013.

ⁱⁱ INE, *Estatísticas do Emprego* – 2º trimestre de 2013.

Simultaneamente o Eurostat anunciou que, do 1º para o 2º trimestre de 2013, o PIB da zona euro havia aumentado 0,3% e que Portugal se situava no topo da tabela de crescimento.ⁱⁱⁱ

Estes resultados foram recebidos pelos governos da zona euro e de Portugal, como um anúncio do fim da crise. O ministro alemão das finanças escreveu no *Financial Times*: “O mundo devia regozijar-se com os sinais económicos positivos que a zona euro está a emitir continuamente nestes dias”^{iv} e o vice primeiro-ministro português, mais prudente, falava a 1 de setembro de “ténues” sinais que “começam a ter coerência no sentido de uma viragem do ciclo económico do nosso país”^v.

Estas apreciações, mais ou menos matizadas pela prudência, serviram em período de pré-campanha eleitoral na Alemanha e em Portugal para transmitir a ideia de que “o ajustamento orçamental e estrutural, ao estabelecer as fundações de um crescimento estável, está a ser compensador”^{vi} ou que “valeu a pena, os sacrifícios não foram deitados pela janela”^{vii}

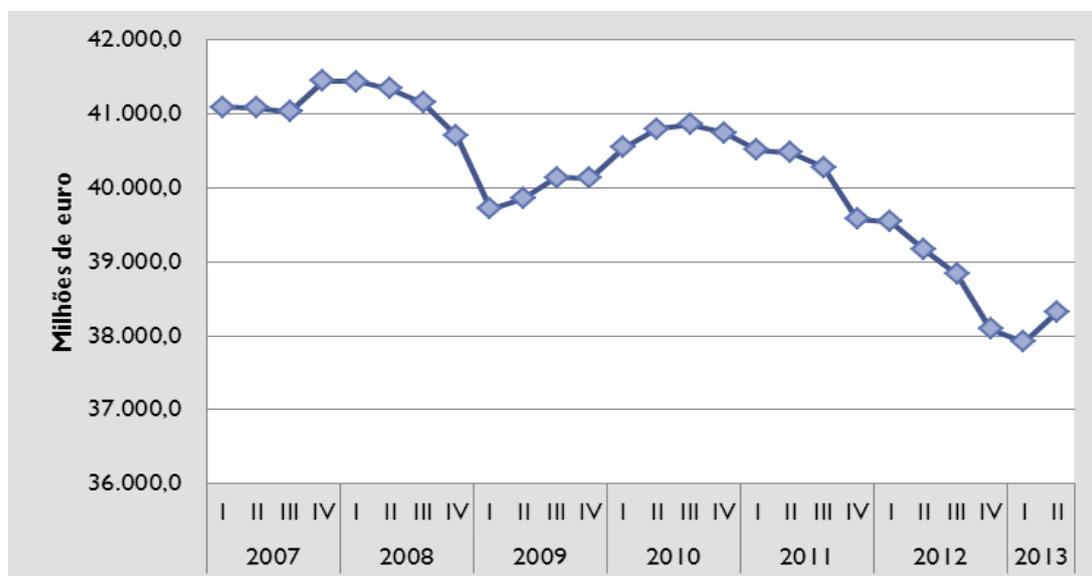
É isso o que efetivamente está a acontecer em Portugal?

Para o verificar, este barómetro analisa brevemente os dados divulgados pelo INE sobre o PIB e o Emprego, assim como informação posteriormente publicada pelo INE. Constata um abrandamento da recessão nos dois primeiros trimestres de 2013, uma tendência para o prolongamento desse abrandamento no 3º trimestre e interroga as condições de uma “inversão do ciclo” no futuro próximo.

I. O que cresceu e não cresceu no PIB?

Segundo os dados do INE no 2º trimestre de 2013 o PIB real cresceu 407 milhões de euro em comparação com o trimestre anterior, interrompendo uma contração iniciada no quarto trimestre de 2010 (ver Gráfico I).

Gráfico I
PIB real a preços de 2006



Fonte: INE

ⁱⁱⁱ Eurostat, *News release, euro indicators* 122/2013 - 14 de agosto de 2013, “Flash estimate for the second quarter of 2013”.

^{iv} Wolfgang Schäuble, “Ignore the doomsayers: Europe is being fixed!”, *Financial Times*, 16 de setembro de 2013.

^v Paulo Portas, *Económico*, 1 de setembro de 2013, http://economico.sapo.pt/noticias/paulo-portas-ve-sinais-de-iragem-do-ciclo-económico_176255.html.

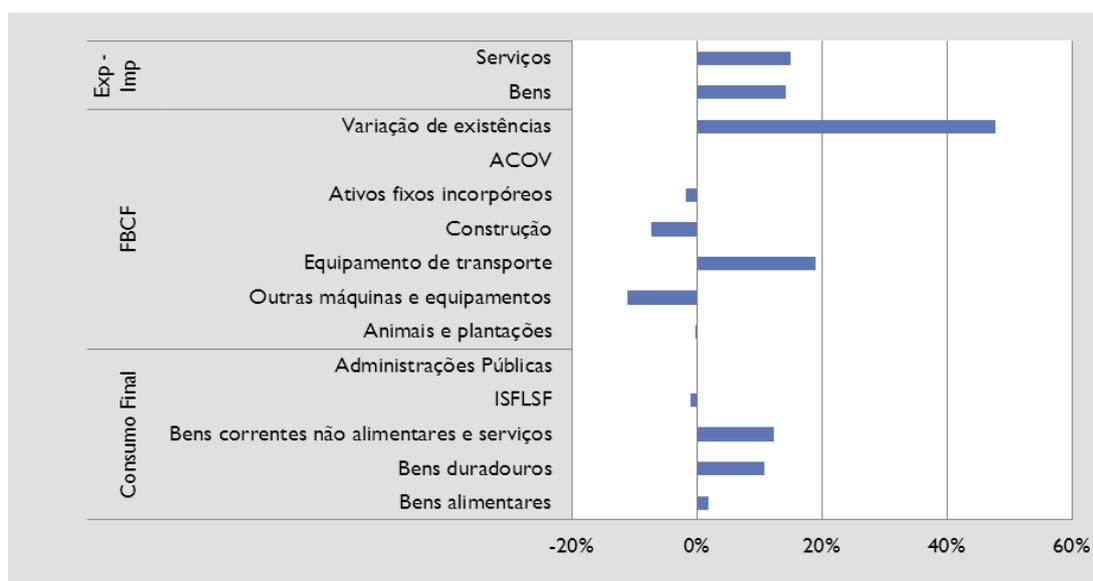
^{vi} Wolfgang Schäuble no artigo citado do Pontal, *Financial Times*.

^{vii} Passos Coelho no discurso do Pontal, *Jornal de Negócios*, 16 de agosto de 2013, http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/passos_coelho_foi_um_ano_verdadeiramente_terrivel_mas_sacrificios_nao_estao_a_ser_em_vao.html.

Para esta interrupção da tendência recessiva contribuíram todos os grandes componentes do PIB: consumo final (24% da variação do PIB), investimento, (46,7%) e o saldo das exportações e importações (29.3%).

No entanto, desagregados estes componentes do PIB até onde a informação disponibilizada pelo INE o permite, verifica-se (ver Gráfico 2) que para além do contributo do setor externo (exportações de bens e serviços líquidas de importações) e do consumo final das famílias, o que mais influenciou o crescimento foi, não o investimento (FBCF) no seu conjunto, mas duas componentes particulares do investimento: “variação de existências” e “equipamento e transporte”.

Gráfico 2
Contribuição dos componentes do PIB para o crescimento do 1º para o 2º trimestre de 2013



Fonte: INE

Cerca de 67% do acréscimo do PIB entre o primeiro e o segundo trimestre de 2013 resulta da variação extraordinariamente positiva destas duas componentes (variação de existências, 47,8%, e equipamento de transporte, 19%).

A respeito do contributo do setor externo, o Destaque do INE refere que “a aceleração das exportações de bens foi influenciada pelo efeito de calendário relativo ao período da Páscoa (celebrada, em 2012, em abril e, em 2013, em março)”. Quanto à variação de existências, o INE explica o valor elevado com “alguma acumulação de existências ao nível de bens importados” e quanto à variação do investimento em equipamento e material de transporte, com o “impacto da importação de aeronaves, mais acentuado no 2º trimestre de 2013”.

Estas ressalvas do INE permitem constatar que:

- O contributo do investimento no crescimento do PIB no 2º trimestre é ilusório. Na realidade, importações que aumentam stocks (variação de existências) e importações de aviões, não explicam o crescimento do PIB, já que o efeito positivo de umas e outras, respetivamente, na variação de existências e no investimento em equipamento e material de transporte, têm como contrapartida um efeito negativo equivalente no aumento das importações, logo um impacto nulo no PIB.
- O contributo do setor externo está subavaliado. Se as importações para stock e a aquisição de aviões não fossem consideradas, ter-se-ia um PIB igual, mas com um peso maior no contributo do saldo externo e menor no investimento.

- Por outro lado, o contributo do setor externo no segundo trimestre está sobreavaliado, pelo efeito de calendário. Se a correção fosse feita, o contributo do setor externo seria maior no primeiro trimestre e menor no segundo. Em consequência, a variação do PIB de um para o outro trimestre seria inferior.^{viii}

Tidas em conta as ressalvas do INE pode concluir-se que:

- Os dados estatísticos apontam para um abrandamento da recessão no primeiro e segundos trimestres de 2013.
- Este abrandamento decorre do contributo, não do investimento, mas do saldo externo e, mais moderadamente, do consumo das famílias.

Além das ressalvas do INE, é preciso considerar que mesmo descontando a parte da variação de existências atribuível a importações, o contributo desta componente da FBCF para o crescimento no 2º trimestre seria ainda elevado, razão que acresce a outras para considerar com muita prudência os “sinais” de crescimento do 2º trimestre (ver Caixa I).

Caixa I Como se calcula o PIB?

Na realidade, as contas nacionais trimestrais não são um simples registo contabilístico de valores medidos por observação direta.^{ix} Os valores dos componentes do PIB são em alguns casos apurados de forma direta (por exemplo, exportações e importações de bens e serviços) a partir de fontes primárias e em outros estimados através de métodos indiretos baseados em modelos econométricos.

Os métodos indiretos baseiam-se nas correlações de cada componente do PIB com um ou mais indicadores. Por exemplo, para a estimativa das despesas de consumo final das famílias utilizam-se como indicadores associados os índices de volume de negócios do comércio a retalho dos diversos tipos de bens apurados em inquérito do INE a uma amostra representativa de empresas.

Dado que se baseiam em estimativas, as contas trimestrais são falíveis e estão sujeitas a revisão, e efetivamente revistas, sempre que é disponibilizada nova informação. As estimativas das contas nacionais trimestrais são mais fiáveis numas componentes do PIB do que noutras. Particularmente pouco fiáveis são as estimativas da variação de existências. Essa é mais uma razão para avaliar com prudência o surpreendente resultado do 2º trimestre de 2013.

Seja qual for o significado da informação estatística relativa aos dois primeiros trimestres de 2013, o que aconteceu diz pouco acerca do que irá acontecer, nomeadamente acerca da possibilidade de “inversão do ciclo” a partir deste ponto. Adiante neste barómetro discute-se essa possibilidade com base na interpretação da evolução nos dois primeiros trimestres de 2013 e de dados estatísticos mais recentes. Antes disso, é preciso olhar com mais atenção para as estatísticas do emprego.

Não remunerados

Indivíduos que exercem uma atividade na empresa/instituição e que, por não estarem vinculados por um contrato de trabalho, sujeito ou não a forma escrita, não recebem uma remuneração regular, em dinheiro e/ou géneros pelo tempo trabalhado ou trabalho fornecido. Inclui nomeadamente os trabalhadores com emprego por conta própria, os trabalhadores familiares não remunerados, os membros de cooperativas de produção e os trabalhadores destacados (definição INE).

ACOV

Aquisições Líquidas de Cessões de Objetos de Valor

ISFLSF

Instituições sem fim Lucrativo ao Serviço das Famílias

Inativo desencorajado

Indivíduo com idade mínima de 15 anos que não tinha trabalho, pretendia trabalhar e não tinha feito diligências para encontrar trabalho por considerar não ter idade apropriada, não ter instrução suficiente, não saber como procurar, não valer a pena procurar ou não haver emprego disponível.

^{viii} Considerando o limite inferior do intervalo indicado pelo INE (1,5 pontos percentuais da variação das exportações), a variação em cadeia do PIB seria de -0,2% no primeiro trimestre e 0,5% no segundo; considerando o limite superior (2,5 p.p.), o PIB teria variado 0,0% e 0,1%, pela mesma ordem, em forte contraste com os -0,4% e 1,1% apresentados.

^{ix} Ver nota do INE “Como se calcula o PIB” em http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_cnacionais.

2. Destruição e criação de emprego

De acordo com a estimativa divulgada pelo INE o número de desempregados diminuiu no segundo trimestre de 2013, comparativamente com o trimestre anterior, em 66 mil e 200 pessoas. A taxa de desemprego também diminuiu de 17,7%, no primeiro trimestre, para 16,4%, no segundo.

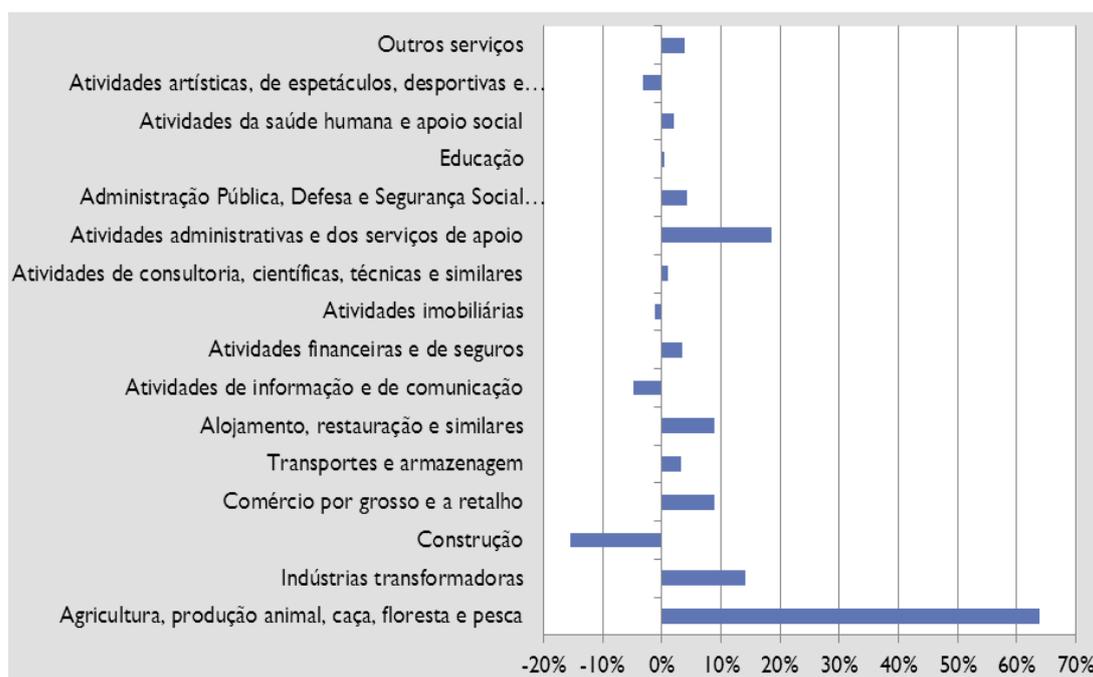
Na apreciação do significado desta variação é importante ter em conta, que a redução do número absoluto desempregados e a diminuição da taxa de desemprego, não implicam necessariamente uma melhoria da situação de desemprego e emprego. Por razões que se apresentam na caixa 2, o número de desempregados e a taxa de desemprego deixaram de ser medidas apropriadas. Em alternativa é preferível atentar na população empregada e sua evolução.

De acordo com o *Inquérito ao Emprego* do INE a população empregada aumentou no 2º trimestre de 2013, relativamente trimestre anterior, em 72 mil e 400 pessoas.

A redução da taxa de desemprego e o acréscimo da população empregada, ao fim de nove trimestres seguidos de redução do emprego, foram tomados como mais um sinal a acrescentar a outros de “inversão do ciclo”.

Importa no entanto analisar mais detalhadamente os resultados do *Inquérito ao Emprego* para verificar que tipo de emprego foi criado e que tipo de emprego continuou a ser destruído.

Gráfico 3
Contribuição de cada setor (CAE) para a criação e a destruição de emprego



Fonte: INE

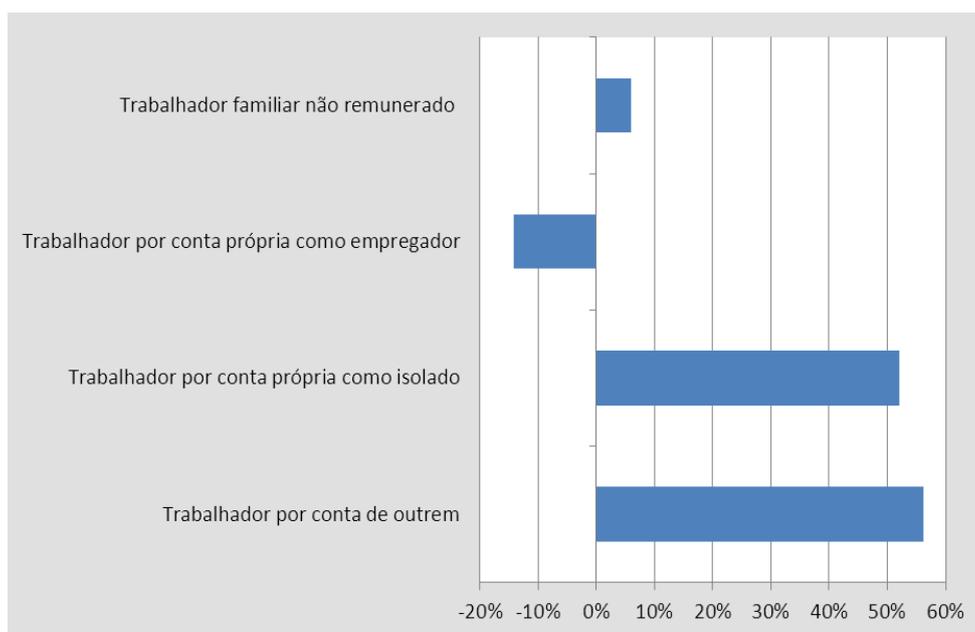
A análise aos resultados do inquérito ao emprego permite constatar que:

- 64% dos empregos criados são no setor agrícola (ver Gráfico 3);
- 62% dos empregos criados referem-se às categorias “trabalhador por conta própria como isolado” e “trabalhador familiar não remunerado” (ver Gráfico 4);
- 87% do emprego criado localiza-se nas regiões norte e centro; na região de Lisboa continuou a ser destruído emprego (ver Gráfico 5).

Embora a informação disponibilizada pelo INE não permita fazer cruzamentos de variáveis, não é abusivo afirmar que o emprego criado no 2º trimestre de 2013 é predominantemente emprego agrícola não assalariado (não remunerado na aceção do INE), localizado no norte e centro do país.

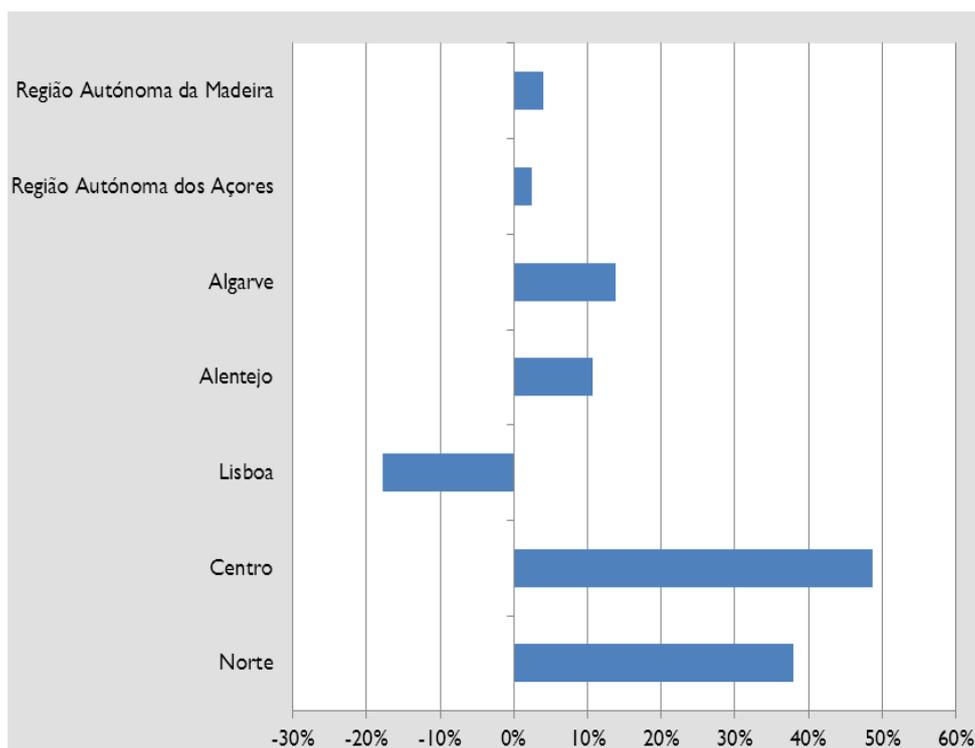
Acresce ainda que os resultados do Inquéritos ao Emprego não têm em conta os efeitos de sazonalidade. Quando estes efeitos são tidos em conta^x, verifica-se que o número de pessoas empregadas cresceu apenas 0,8% entre o primeiro e segundo trimestres de 2013, tendo mesmo diminuído 0,14% o número de “remunerados”.

Gráfico 4
Criação e destruição de emprego por situação na profissão



Fonte: INE

Gráfico 5
Criação e destruição de emprego por situação na profissão



Fonte: INE

^x Anexo estatístico de Destaque - Contas Nacionais – 2º trimestre de 2013.

O tipo de emprego criado sugere que numerosas pessoas que perderam emprego estão a declarar ocupação em atividades agrícolas que já exerciam como complemento de rendimento, ou que passaram a exercer depois de desempregadas.

No caso do emprego pode concluir-se que na realidade se verificou no 2º trimestre de 2013 um abrandamento, mas não uma inversão do processo de destruição de emprego.

Caixa II A taxa de desemprego mede mal

O número de desempregados e a taxa de desemprego podem diminuir porque há desempregados que encontram emprego. Mas também pode diminuir porque há desempregados que emigram ou passam à condição de inativos.

Um exemplo numérico simples ajuda a compreender porquê.

No período T, estavam empregadas 80 pessoas e desempregadas 20. A população ativa (empregados + desempregados) totalizava 100 pessoas e a taxa de desemprego (desemprego/população ativa) era de 20%. Do período T para o período T+1 verificou-se que 5 empregados passaram a estar desempregados, mais 10 desempregados emigraram e 5 passaram à condição de inativos desencorajados. O resultado seria uma diminuição do número de desempregados, da população ativa e da taxa de desemprego. No entanto, ninguém descreveria estas variações como uma melhoria da situação de emprego.

	Emprego	Desemprego	Emigração	Inativos Desencorajados	População Ativa	Taxa de Desemprego
T	80	20	0	0	100	20%
T+1	75	10	10	5	85	12%

3. Vamos à tona?

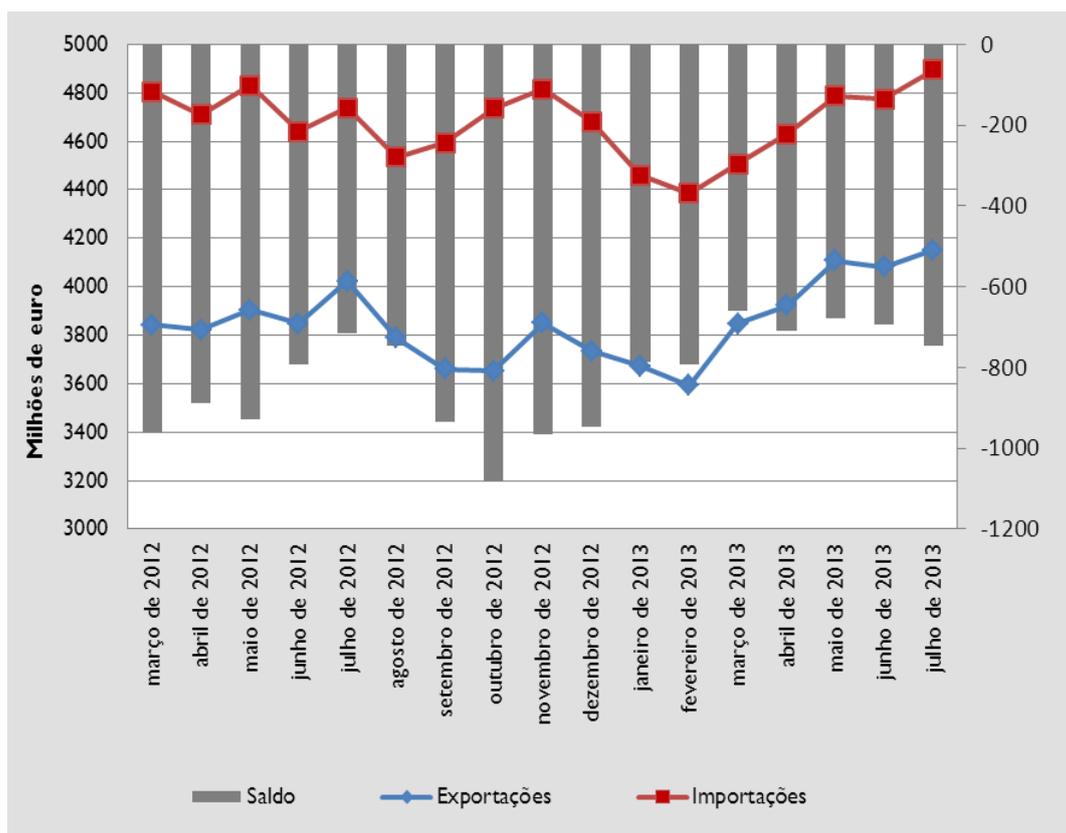
Os indicadores publicados pelo INE^{xi} respeitantes à evolução verificada em dois meses do terceiro trimestre de 2013, julho e agosto (ver Tabela 1) são mistos: positivos no que diz respeito ao consumo privado, mistos a respeito do investimento e negativos no que diz respeito à procura externa. É por isso plausível que no terceiro trimestre se venha a confirmar o abrandamento da recessão verificado nos dois primeiros trimestres de 2013. Mas haverá de facto sinais de uma inversão de tendência no sentido do crescimento?

Os motores do abrandamento da recessão no 1º e 2º trimestres de 2013 foram o setor externo (exportações de bens e serviços líquida de importações) e a despesa de consumo final das famílias. Continuará a ser assim? Quanto ao setor externo, pode observar-se que as exportações e importações de bens e serviços passaram, a partir de fevereiro de 2013, de um regime em que o saldo externo negativo se reduzia – em consequência de uma queda acentuada das importações, mais do que do crescimento das exportações – para um novo regime em que as exportações crescem mas as importações acompanham o movimento. Neste segundo regime, atribuível ao elevado conteúdo importado das exportações que mais têm crescido, apesar do crescimento das exportações, o saldo negativo da balança de bens tem-se acentuado ligeiramente (ver Gráfico 6).

Esta constatação quanto à dinâmica das exportações e das importações de bens condiciona a possibilidade de um prolongamento do impulso no sentido do crescimento proveniente do setor externo.

^{xi} Síntese Económica de Conjuntura, agosto de 2013.

Gráfico 6
Exportações e importações de bens (nominais), dados mensais



Fonte: INE

Tabela I
Indicadores divulgados pelo INE respeitantes a evolução em julho e agosto de 2013

	Indicador	Referência na Síntese de Conjuntura do INE Agosto de 2013 (última informação disponível, mês)	Sinal da evolução
Atividade económica	Indicador de clima económico	Reforço perfil (Agosto)	+
	Índice de confiança nos serviços	Reforço perfil ascendente (Agosto)	+
	Índice de produção na indústria	Suspende trajetória ascendente (Julho)	-
	Indicador de confiança na construção	Reforço da trajetória ascendente (Julho)	+
Consumo Privado	Indicador de consumo duradouro	Retoma trajetória crescente (Julho)	+
	Indicador de consumo corrente	Suspende trajetória ascendente (Julho)	+
	Indicador qualitativo do consumo	Prolonga trajetória ascendente (Agosto)	+
FBCF	Indicador de FBCF	Inverte perfil descendente (Agosto)	-
	Indicadores de investimento em construção	Intensificam movimento ascendente	+
	Indicador de investimento em máquinas e equipamento	Interrompe trajetória ascendente (Agosto)	-
	Indicador de investimento em material de transporte	Aumento nos últimos dois meses	+
Procura Externa	Exportações de bens (dados preliminares)	Suspensão do perfil crescente (Julho)	-
	Importações de bens (dados preliminares)	Tendência crescente	-
Emprego	Expectativas dos empresários nos serviços	Intensificação do movimento crescente (Agosto)	+
	Expectativas dos empresários na indústria transf.	Prolongamento da trajetória de redução (Agosto)	-
	Expectativas dos empresários na construção	Evolução favorável (Agosto)	+
	Expectativas dos consumidores sobre desemprego	Evolução favorável (Agosto)	+
	Desemprego registado (IEFP)	Prolongamento do movimento descendente	+

Fonte: INE

Quanto à despesa de consumo final das famílias, é plausível a interpretação de que o seu contributo para o crescimento no 2º trimestre de 2013 decorreu de um alívio da contração do rendimento disponível das famílias proporcionado pelo veto do Tribunal Constitucional ao corte de rendimentos de funcionários públicos e pensionistas. A perspetiva de novos cortes orçamentais em 2014 condiciona, portanto – tanto ou mais que própria dinâmica do setor externo – a hipótese de inversão da “espiral recessiva”.

A possibilidade que resta considerar – retoma do investimento – é por sua vez, condicionada por uma expansão da procura (interna e externa) que, como vimos, nada indica poder verificar-se em Portugal e é muito incerta nos principais destinos das exportações portuguesas.

Em resumo, ler nas contas trimestrais e nas estatísticas do emprego sinais de uma inversão de ciclo, por muito ténues que sejam, e retirar daí a conclusão de que os “sacrifícios” compensam, envolve um enviesamento que favorece a insistência no erro. Os sinais de abrandamento da recessão que efetivamente existem, podem ser revertidos pela insistência no erro concretizada em novos e violentos cortes orçamentais em 2014.

Observatório sobre Crises e Alternativas

CES Lisboa | Picoas Plaza | Rua do Viriato 13 – Lj 117/118 | 1050-227 Lisboa | T. +351 216 012 848

W. <http://www.ces.uc.pt/observatorios/crisalt/> | E. observatoriocrises@ces.uc.pt